

BC resiste à pressão e Selic fica em 13,75%

Comunicado do Copom diz ser difícil voltar a subir os juros básicos, mas afirma que não hesitará em caso de aquecimento da inflação

DEBRASÍLIA

O Banco Central resistiu às renovadas pressões do governo e manteve, por unanimidade, a taxa básica de juros (Selic) em 13,75% ao ano pela sexta vez seguida. É a primeira decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) desde a apresentação do novo arcabouço fiscal - regra que deve substituir o teto de gastos no controle das contas públicas.

A decisão, já amplamente esperada pelo mercado, mantém a Selic no maior nível desde janeiro de 2017. Entre as justificativas, o Copom cita no comunicado como fatores de risco a maior persistência das pressões inflacionárias globais.

Outra justificativa foi a "incerteza ainda presente sobre o desenho final do arcabouço fiscal" em negociação no Congresso, sobretudo "seus impactos sobre as expectativas para as trajetórias da dívida pública e da inflação".

O BC reconheceu que a apresentação da proposta pela equipe econômica re-



Roberto Campos Neto, presidente do BC: comunicado cita incerteza com regra fiscal, que ainda não foi votada

duziu as incertezas no campo das contas públicas, assim como a reoneração dos combustíveis - decisão tomada pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, no fim de fevereiro. Por outro lado, o Copom repetiu que não há "relação mecâni-

ca entre a convergência de inflação e a aprovação do arcabouço fiscal".

Em meio à forte ofensiva do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de integrantes do governo pela redução dos juros, o BC manteve a estratégia de manuten-

ção da Selic para alcançar a convergência da inflação para a meta em 2024, mas em contrapartida apontou menor chance de voltar a subir os juros caso a inflação não desacelere como o esperado.

No comunicado, o BC in-

SAIBA MAIS

>>Impacto na economia

O aumento do juro básico da economia se reflete em taxas bancárias mais elevadas, embora haja uma defasagem entre a decisão do Banco Central e o encarecimento do crédito (entre seis meses e nove meses para uma decisão do BC fazer efeito nas taxas do crédito). A elevação da taxa de juros também influencia negativamente o consumo da população e os investimentos produtivos, pois um percentual mais elevado deixa o crédito mais caro e torna atraentes as aplicações em renda fixa.

>>Ranking mundial

Mesmo com a estabilidade da taxa Selic pela sexta reunião consecutiva, o Brasil continua a ter a maior taxa de juro real (descontada a inflação) do mundo, em uma lista com 40 economias. Cálculos do site MoneYou e da Infinity Asset Management indicam que o juro real brasileiro está agora em 6,82% ao ano. Em segundo lugar na lista que considera as economias mais relevantes, aparece o México (6,13%), seguido da Colômbia (5,13%).

seriu trecho de que a retomada do ciclo de alta dos juros é um "cenário menos provável", embora tenha repetido que não hesitará em tomar essa decisão caso a inflação não ceda. O BC voltou a dizer que "a conjuntura demanda paciência e serenidade na condução da política monetária".

SOB PRESSÃO DO GOVERNO

Desde a última reunião do Banco Central, em março, os membros do Copom têm reiterado que as condições para a queda dos juros básicos ainda não estão postas no Brasil.

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, alega que a desaceleração da inflação tem sido lenta e que é preciso redução das expectativas inflacionárias, que já "fugiram" muito da meta.

Já o governo vê a manutenção dos juros em patamar elevado como um obstáculo extra para o crescimento da economia. (Estadão Conteúdo)